

# Aparente variação na concordância sujeito-verbo no português europeu

ambiguidade quanto ao carácter singular ou plural do sujeito frásico

Ana Maria Martins

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MARTINS, AM. Aparente variação na concordância sujeito-verbo no português europeu: ambiguidade quanto ao carácter singular ou plural do sujeito frásico. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 191-220. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



# Aparente variação na concordância sujeito-verbo no português europeu: ambiguidade quanto ao carácter singular ou plural do sujeito frásico

Ana Maria MARTINS

Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Este texto tem uma natureza descritiva e o seu objectivo central é identificar os contextos sintácticos em que a ambiguidade quanto ao carácter singular ou plural do sujeito frásico cria a ilusão de variação na concordância sujeito-verbo, pois o verbo ocorre ora na 3ª pessoa do singular, ora na 3ª pessoa do plural.

## 1 Quadro geral da concordância sujeito-verbo

A concordância entre o sujeito e o verbo envolve, em geral, a partilha de traços de número e pessoa entre a palavra ou sintagma com função de sujeito e o verbo. As formas finitas do verbo e as do infinitivo flexionado são as formas verbais que apresentam flexão de pessoa e número. É por isso em orações que incluem um verbo finito ou um infinitivo flexionado que tipicamente se observa a concordância sujeito-verbo. Uma frase como *Nós ouvimos sempre os nossos vizinhos saírem de casa de manhã* integra uma forma finita do verbo, i. e., *ouvimos*, e um infinitivo flexionado, i. e., *saírem*. A forma verbal de presente do indicativo *ouvimos* apresenta flexão de primeira pessoa do plural (expressa pela terminação *-mos*) concordando com o sujeito pronominal *nós*, que igualmente traduz a primeira pessoa do plural; por sua vez, a forma verbal infinitiva *saírem* apresenta flexão de terceira pessoa do plural (expressa pela terminação *-em*) partilhando estes traços flexionais com o sujeito *os nossos vizinhos*. Diferentemente dos pronomes pessoais, os nomes (como *vizinhos*) concordam invariavelmente com o verbo na terceira pessoa, mas podem ser, quanto à flexão de número, singulares (i. e., *vizinho*) ou plurais (i. e., *vizinhos*, estando aqui o traço ‘plural’ representado pela terminação *-s*). A maior parte das formas pronominais são

flexionalmente menos ricas que os pronomes pessoais, apresentando flexão de número, mas não de pessoa. Os pronomes que apenas têm flexão de número comportam-se, no que diz respeito à concordância, como os nomes, determinando que o verbo ocorra na terceira pessoa do singular ou do plural (*Algum cairá na esparrela / Alguns cairão na esparrela*).<sup>1</sup> Algumas formas pronominais são invariáveis, não apresentando flexão de número. Neste caso, o verbo ocorrerá sempre na terceira pessoa do singular (*Alguém caiu na esparrela*). Pode dizer-se que a terceira pessoa do singular traduz a concordância sujeito-verbo *por defeito*, por ser a forma verbal de terceira pessoa do singular que aparece sempre que o constituinte que representa o sujeito não manifesta traços de pessoa nem de número.

Exceptuado o infinitivo flexionado, as restantes formas não finitas do verbo ou não manifestam concordância sujeito-verbo ou manifestam concordância quanto aos traços de número e de género. A não concordância observa-se nas orações infinitivas simples (*Vi o miúdo/os miúdos cair do baloiço*) e nas gerundivas (*Chegando a Maria/o Pedro/os meus pais, vamos jantar*). Nestas, o verbo apresenta uma forma invariável que não acompanha a possível variação de pessoa e número das formas que expressam o sujeito. A concordância de número e género está presente nas orações participiais (*Chegada a Maria, fomos jantar; chegado o Pedro, fomos jantar; chegados os meus pais, fomos jantar; chegadas as minhas irmãs, fomos jantar*) e nas passivas (*Tanta era a fome que o frango foi comido num abrir e fechar de olhos / a galinha foi comida num abrir e fechar de olhos / os rojões foram comidos num abrir e fechar de olhos / as migas foram comidas num abrir e fechar de olhos*). A concordância entre o sujeito e uma forma verbal de participio passado tem natureza nominal (pois inclui o traço de género) e não verbal (pois exclui o traço de pessoa).

Enunciaremos, em primeiro lugar (ainda neste ponto), as regras gerais da concordância sujeito-verbo, deixando para os pontos seguintes um conjunto de casos particulares, e menos simples, que será necessário considerar cada um por si.

• *Sujeitos nominais:*

Nas frases em que o sujeito é expresso por um sintagma nominal pleno (i. e., um SN tendo por núcleo um Nome), a concordância estabelecida entre o sujeito e o verbo determinará que o verbo apresente flexão de terceira pessoa. Se o sintagma nominal com a função de sujeito for singular, o verbo ocorrerá na terceira pessoa do singular:

(1) *O lobo andava com fome.*

<sup>1</sup> A concordância na primeira pessoa do plural é possível se o pronome indefinido, de natureza quantificacional, for plural e estiver associado dentro do sintagma nominal sujeito ao pronome pessoal *nós* (explícita ou implicitamente), como mostra a frase (i) abaixo. Neste caso, é o valor do traço de pessoa do pronome pessoal que se transmite ao sintagma nominal, dado que o pronome indefinido não tem um valor especificado para o traço de pessoa. O mesmo mecanismo de 'expansão' do valor do traço de pessoa de um pronome pessoal pode observar-se quando o núcleo do sintagma nominal é um nome com valor quantificacional, tal como *restantes* ou *maioria* (veja-se a frase (ii)).

(i) *Alguns (de nós) saímos da sala como forma de protesto.*

(ii) *Os restantes (de nós) ficámos surpreendidos com o rumo dos acontecimentos.*

Se o sintagma nominal com a função de sujeito for plural, o verbo ocorrerá na terceira pessoa do plural:

(2) *Os lobos andavam com fome.*

Tanto a frase (1) como a frase (2) apresentam um *sujeito simples*, pois num e no outro caso o sujeito é expresso por um só sintagma nominal. Quando diferentes sintagmas nominais ligados entre si por uma conjunção coordenativa aditiva expressam em conjunto o sujeito frásico, temos um *sujeito composto* (cf. a secção 2.1. abaixo). Nesta situação, o sujeito é sempre plural, quer no plano interpretativo, quer no plano gramatical, pelo que o verbo apresentará flexão de terceira pessoa do plural:

- (3) a. *O lobo e a raposa andavam com fome.*  
b. *Tanto o lobo como a raposa andavam com fome.*  
c. *Não só o lobo como / mas também a raposa andavam com fome.*  
d. *Quer o lobo quer a raposa andavam com fome.*  
e. *Nem o lobo nem a raposa andavam com fome.*  
f. *O lobo bem / assim como a raposa andavam com fome.*

A concordância sujeito-verbo nos termos acima definidos manifesta-se quer o sujeito preceda o verbo, como nas frases (1) a (3), quer apareça em posição pós-verbal, como mostram as frases em (4):

- (4) a. *No reino dos coelhos, andava o lobo com fome.*  
b. *No reino dos coelhos, andavam os lobos com fome.*  
c. *No reino dos coelhos, andavam o lobo e a raposa com fome.*

Mais adiante, veremos ser necessário caracterizar de forma mais precisa a distinção entre sujeito simples e sujeito composto. No que diz respeito a essa distinção, a posição do sujeito relativamente ao verbo (precedendo-o ou seguindo-o) é um factor a considerar (cf. 2.1.1). Nos pontos 2.2. a 2.5., mostrar-se-á, por outro lado, que, independentemente da distinção entre sujeito composto e sujeito simples, a determinação da natureza singular ou plural do sujeito não está livre de dificuldades.

• *Sujeitos pronominais:*

Só os pronomes pessoais apresentam flexão de pessoa e número, podendo assim partilhar com o verbo, de forma visível, os valores de um e outro traço, como veremos mais adiante.

Quanto aos restantes pronomes, aqueles que apresentam flexão de número ou que se associam a um elemento com flexão de número determinam que o verbo apresente flexão de terceira pessoa, singular ou plural, em concordância com o valor singular ou plural do traço de número do pronome sujeito. As frases em (5) integram pronomes com flexão de número; as frases em (6) mostram como pronomes invariáveis, mas que se associam a um nome (este com flexão de número), levam a que o verbo se apresente ora na terceira pessoa do singular, ora na terceira pessoa do plural (concordando sempre com o constituinte que expressa o sujeito).

- (5) a. *Este não pagou a conta.* [pronome demonstrativo, singular]  
 b. *Aqueles não pagaram a conta.* [pronome demonstrativo, plural]  
 c. *Nenhum de vocês pagou a conta?* [pronome indefinido, singular]  
 d. *Poucos pagaram a conta.* [pronome indefinido, plural]  
 e. *Qual deles não pagou a conta?* [pronome interrogativo, singular]  
 f. *Quais deles não pagaram a conta?* [pronome interrogativo, plural]
- (6) a. *Que iguaria apareceu na mesa!* [pronome exclamativo + nome singular]  
 b. *Que iguarias apareceram na mesa!* [pronome exclamativo + nome plural]  
 c. *Que conta ficou por pagar?* [pronome interrogativo + nome singular]  
 d. *Que contas ficaram por pagar?* [pronome interrogativo + nome plural]

Os pronomes que não têm flexão de número nem se associam a elementos com flexão de número, nomeadamente o pronome interrogativo e exclamativo *quem*, os pronomes demonstrativos neutros *isto*, *isso*, *aquilo*, os pronomes indefinidos *tudo*, *nada*, *alguém*, *ninguém*, *algo*, *cada*, ou as locuções pronominais indefinidas *cada um*, *cada qual*, *quem quer que*, *um ou outro*, etc., determinam concordância verbal (por defeito) na terceira pessoa do singular, conforme dissemos acima e se exemplifica em (7). (Sobre o pronome relativo *quem*, veja-se a secção 4. abaixo).

- (7) a. *Quem irá ao passeio?*  
 b. *Quem sabe o que se terá passado!*  
 c. *Aquilo deu-nos que pensar.*  
 d. *Ninguém sabe o que aconteceu.*

Como dissemos acima, no conjunto das formas pronominais, os pronomes pessoais têm a particularidade de serem especificados não só para o traço de número, mas também para o traço de pessoa. Assim, quando na relação de concordância sujeito-verbo está envolvido um pronome pessoal, a flexão verbal não fica limitada às formas de terceira pessoa, ocorrendo igualmente as formas verbais de primeira e segunda pessoas (do singular ou plural). Para definirmos as regras da concordância entre o pronome pessoal sujeito e o verbo, volta a ser relevante a distinção entre sujeito simples e sujeito composto.

Em frases com sujeitos simples expressos por um pronome pessoal, o sujeito e o verbo apresentam idênticos traços de pessoa e número, como mostram os exemplos em (8):

- (8) a. *Eu alimentaria o lobo.*  
b. *Tu alimentarias o lobo.*  
c. *Ele alimentaria o lobo.*  
d. *Nós alimentaríamos o lobo.*  
e. *Vocês/Eles alimentariam o lobo.*

Em frases com sujeitos compostos, se um dos sujeitos é de primeira pessoa, o verbo ocorre na primeira pessoa do plural:

- (9) a. *Tu e eu vamos alimentar o lobo.*  
b. *Ele e eu vamos alimentar o lobo.*  
c. *Tu, ele e nós vamos alimentar o lobo.*

Se não há um sujeito de primeira pessoa, o verbo apresenta-se na terceira pessoa do plural, esteja ou não presente um sujeito de segunda pessoa:

- (10) a. *Tu e ele vão alimentar o lobo.*  
b. *Tu e eles vão alimentar o lobo.*  
c. *Vocês e ele vão alimentar o lobo.*  
d. *Vocês e eles vão alimentar o lobo.*

O mesmo acontece quando o sujeito composto integra um pronome pessoal de segunda ou terceira pessoas coordenado com um sintagma nominal pleno:<sup>2</sup>

- (11) a. *Tu e a Paula vão alimentar o lobo.*  
b. *Eles e a filha vão alimentar o lobo.*

---

2 A concordância na terceira pessoa do plural nas frases em que o sujeito integra um pronome de 2ª pessoa é característica da variedade padrão do português bem como da generalidade dos dialectos portugueses centro-meridionais, pois nestas variedades do português o paradigma flexional do verbo deixou de integrar uma forma de segunda pessoa do plural. Por isso, nos casos em que a concordância sujeito-verbo levaria o verbo a manifestar flexão de 2ª pessoa do plural, não estando uma forma verbal com esta associação de traços (i. e., pessoa: 2ª; número: plural) disponível, a concordância passou a estabelecer-se (por defeito) na terceira pessoa (do plural). Em alguns dialectos portugueses setentrionais, as formas verbais de 2ª pessoa do plural continuam a fazer parte da morfologia verbal. Nestes dialectos, o pronome pessoal sujeito *vós* concorda com o verbo na 2ª pessoa do plural, ocorrendo também esta forma verbal quando um sujeito composto integra um pronome de 2ª pessoa. Assim, em contraste com o português padrão, dir-se-á nestes dialectos: *vós ides alimentar o lobo*; *tu e ele ides alimentar o lobo*; *tu e eles ides alimentar o lobo*; *vós e eles ides alimentar o lobo*; *tu e a Paula ides alimentar o lobo*.

• *Sujeito oracional:*

Nas frases em que o constituinte que expressa o sujeito é uma oração, como em (12a), com um sujeito oracional finito, e em (12b), com um sujeito oracional infinitivo, o verbo ocorre na terceira pessoa do singular:

- (12) a. *Que ele não queira alimentar o lobo surpreende-me muito.*  
b. *Não quererem alimentar o lobo nem parece teu.*

A concordância sujeito-verbo estabelece-se na terceira pessoa do singular ainda que o sujeito seja constituído por duas orações coordenadas entre si, como mostra a frase (13):

- (13) *Que ele não queira alimentar o lobo e que tu não lhe digas nada espanta-me.*

## 2 Ambiguidade quanto ao carácter singular ou plural do sujeito

Como vimos acima, o carácter singular ou plural do sujeito frásico determina que o verbo manifeste, concordantemente, número singular ou plural. Ainda que na maior parte dos casos a identificação da natureza singular ou plural dos sujeitos frásicos não ofereça dúvidas, existem alguns casos menos claros a apontar.

No ponto 2.1., ocupar-nos-emos das situações em que um sujeito aparentemente composto é, de facto, um sujeito simples e, numa dimensão mais limitada, também observaremos a situação oposta. A ambiguidade quanto à identificação de um sujeito frásico como sujeito composto, ou não, pode resultar, como veremos, de diversos factores. Concretamente:

(i) A ambiguidade pode resultar da existência de estruturas que envolvem elipse de parte do constituinte que integra o verbo. Cf. 2.1.1 e os exemplos (14a)-(14b);

- (14) a. *Correu-lhe mal a entrevista e a prova de geometria.* (2 sujeitos simples)  
(i. e., “correu-lhe mal a entrevista e [correu-lhe mal] a prova de geometria”)  
b. *Correram-lhe mal a entrevista e a prova de geometria.* (sujeito composto)

(ii) A ambiguidade pode resultar da existência de estruturas que envolvem elipse de parte do constituinte que expressa o sujeito. Cf. 2.1.1 e os exemplos (15a)-(15b);

- (15) a. *A poluição marítima e atmosférica já atingem áreas protegidas.*  
(i. e., “a poluição marítima e [a poluição atmosférica] já atingem áreas protegidas”)  
(sujeito composto)



b. *A poluição marítima e atmosférica já atinge áreas protegidas.*  
(sujeito simples)

(iii) A ambiguidade pode resultar da presença de um constituinte parentético intercalado entre o sujeito e o verbo, e representado ou não, na escrita, entre vírgulas, parêntesis ou travessões. Cf. 2.1.3 e exemplo (16);

- (16) a. *D. João I (assim como os seus filhos) foi uma personalidade notável.*  
(sujeito simples)  
b. *D. João I assim como os seus filhos foram personalidades notáveis.*  
(sujeito composto)

Como veremos em 2.1, é ainda necessário considerar que a existência de coordenação no interior do constituinte sujeito pode não ser suficiente para que o mesmo se constitua em sujeito composto e, portanto, plural. Veja-se o exemplo (17):

- (17) a. *O teu sócio e meu inimigo de sempre excedeu-se desta vez.*  
(sujeito simples)  
b. *O teu sócio e o meu inimigo de sempre excederam-se desta vez.*  
(sujeito composto)

Fora da distinção entre sujeito simples e sujeito composto, constituintes que representam claramente sujeitos simples podem, ainda assim, mostrar-se menos transparentes no que diz respeito ao valor (singular/plural) do traço de número que lhes está associado, como acontece nos casos enunciados a seguir.

(i) Geram ambiguidade quanto à distinção singular/plural os sujeitos pronominais que retomam um constituinte topicalizado (podendo ser distintos os valores do traço de número do sintagma nominal topicalizado, por um lado, e do pronome sujeito, por outro). É o pronome de retoma do tópico, com a função de sujeito, que fixa a concordância sujeito-verbo, quer seja fonologicamente realizado, quer seja um pronome nulo. Cf. 2.2 e as frases em (18);

- (18) a. *Peras em vinho, isso é a minha sobremesa favorita.*  
b. *Peras em vinho é a minha sobremesa favorita.*  
(i. e., “peras em vinho, [pronome nulo] é a minha sobremesa favorita”)  
c. *Peras em vinho são a minha sobremesa favorita.*

(ii) Geram ambiguidade quanto à distinção singular/plural os sujeitos que integram expressões cardinais partitivas do tipo *a maioria de*. Cf. 2.3 e o exemplo (19);



- (19) a. *A maioria dos meus amigos passa férias na praia.*  
b. *A maioria dos meus amigos passam férias na praia.* [variante não padrão]

(iii) Geram ambiguidade quanto à distinção singular/plural os sujeitos nulos que ocorrem em certas configurações sintático-discursivas. Cf. 2.4 e as frases em (20);

- (20) a. *A malta vende umas rifas e conseguimos o dinheiro.*  
(i. e., “a malta vende umas rifas e [pronome nulo] conseguimos o dinheiro”)  
b. *A malta vende umas rifas e consegue o dinheiro.*  
(i. e., “a malta vende umas rifas e [pronome nulo] consegue o dinheiro”)  
c. *O povo saiu para a serra e seguiram o lobo até o cercarem.*  
(i. e., “o povo saiu para a serra e [pronome nulo] seguiram o lobo...”)  
d. *O povo saiu para a serra e seguiu o lobo até o cercarem.*  
(i. e., “o povo saiu para a serra e [pronome nulo] seguiu o lobo...”)

(iv) Geram ambiguidade quanto à distinção singular/plural os sujeitos que correspondem a títulos de obras literárias, científicas, áudio-visuais, etc., os que traduzem valores monetários ou numéricos, pesos e medidas, ou ainda os que são descrições de símbolos políticos, profissionais, etc. Cf. 2.5 e as frases em (21);

- (21) a. *Os Maias é o meu romance favorito do Eça.*  
b. *Os Maias são o meu romance favorito do Eça.*  
c. *50 euros chega para pouco.*  
d. *50 euros chegam para pouco.*  
e. *A foice e o martelo representa a aliança entre os camponeses e os operários.*  
f. *A foice e o martelo representam, conjuntamente, a aliança entre os camponeses e os operários.*

## 2.1 Sujeitos simples e sujeitos compostos

Como ficou dito na secção 1., quando diferentes sintagmas nominais ligados entre si por uma conjunção coordenativa aditiva expressam em conjunto o sujeito frásico, temos um *sujeito composto*. A coordenação aditiva pode construir-se assindeticamente (*O Pedro, o João, a Maria são os meus melhores amigos*) ou sindeticamente, com a conjunção copulativa simples *e*, as conjunções copulativas complexas *assim como*, *bem como*, as conjunções copulativas correlativas *tanto ... como*, *quer ... quer*, a conjunção disjuntiva *ou* e a sua correspondente correlativa *ou ... ou*, a conjunção comitativa *com* (cf. adiante a secção 2.1.2).<sup>3</sup> Havendo coordenação aditiva entre dois ou mais sintagmas nominais, o sujeito composto resultante será sempre plural, determinando concordância verbal igualmente no plural.

<sup>3</sup> A lista é exemplificativa e não exaustiva.

Relativamente à conjunção disjuntiva *ou/ou ... ou*, é necessário ter em conta que pode construir ou não estruturas de coordenação aditiva. Quando a conjunção traduz disjunção inclusiva, como no exemplo (22a), cria uma estrutura de coordenação aditiva. A interpretação da frase (22a) é a de que tanto o Pedro como o João costumam dar-me laranjas, embora o façam cada um por si e eventualmente em momentos diferentes. Quando a conjunção expressa disjunção exclusiva, como no exemplo (22b), com a interpretação aí indicada, não fica criada uma estrutura de coordenação aditiva. Só no primeiro caso se forma um sujeito composto. Quer dizer, o sujeito composto, com o valor ‘plural’ para o seu traço de número, é sempre o resultado de uma operação de coordenação aditiva. Assim, na frase (22a), o sujeito é composto e o verbo apresenta-se, por isso, na terceira pessoa do plural. Na frase (22b), pelo contrário, o verbo ocorre na terceira pessoa do singular, pois não há formação de um sujeito composto. O sujeito simples da frase (22b) partilha com o verbo o traço singular:

(22) a. *Ou o Pedro ou o João, ora um ora outro, dão-me laranjas das laranjeiras deles.*

[disjunção inclusiva = sujeito composto]

b. *Ou o Pedro ou o João compra-me hoje à tarde o bilhete para o espectáculo.*

(i. e., ou o Pedro me compra hoje à tarde o bilhete para o espectáculo ou o João me compra hoje à tarde o bilhete para o espectáculo)

[disjunção exclusiva = sujeito simples]

Além da natureza aditiva da coordenação, um segundo requisito é necessário para que se constitua um sujeito composto. A coordenação deve envolver ou formas pronominais ou sintagmas nominais *completos*. Se ocorrerem coordenados entre si Nomes ou sintagmas nominais incompletos, os quais dependam conjuntamente de um único determinante (nos exemplos em (23), o artigo definido), o constituinte resultante não será ‘composto’ e ‘plural’. Assim, nas frases apresentadas em (23), a concordância sujeito-verbo estabelece-se no singular:

(23) a. *A tua preguiça e ineficácia surpreende-me.*

b. *O fluxo e refluxo das ondas encanta-me.* (apud BECHARA, 1999)

c. *A nossa colega e fornecedora de hortaliças vai abandonar-nos.*

d. *O meu pai e teu sogro ofereceu-nos um carro.*

e. *O meu companheiro e velho amigo está sempre disposto a ajudar-me.*  
(*apud* MATOS, 2003, p. 586)<sup>4</sup>

Em contraste com o que se observa nas frases acima, a forma verbal ocorrerá obrigatoriamente no plural se o constituinte sujeito envolver a coordenação aditiva de dois sintagmas nominais completos, como se vê em (24). Note-se que o carácter *completo* dos sintagmas nominais coordenados entre si nas frases de (24) é assinalado pela presença de dois determinantes (i. e., dois artigos definidos), cada um deles associado a um dos sintagmas nominais.

- (24) a. *\*A tua preguiça e a tua ineficácia surpreende-me.*  
b. *A tua preguiça e a tua ineficácia surpreendem-me.*  
c. *\*O fluxo (das ondas) e o refluxo das ondas encanta-me.*  
d. *O fluxo (das ondas) e o refluxo das ondas encantam-me.*  
e. *\*O meu pai e o teu sogro ofereceu-nos um carro.*  
f. *O meu pai e o teu sogro ofereceram-nos um carro.*  
g. *\*O meu companheiro e o meu velho amigo está sempre disposto a ajudar-me.*  
h. *O meu companheiro e o meu velho amigo estão sempre dispostos a ajudar-me.*

As frases de (23) contrastam com as frases de (24) também no plano interpretativo. Enquanto os constituintes com a função de sujeito nas frases de (23) denotam uma única entidade, os constituintes com a mesma função nas frases de (24) referem duas entidades independentes. Esta diferença explica-se pelo facto de só os sintagmas nominais *completos*, normalmente “fechados” por um determinante, terem capacidade referencial, ou seja, poderem individualizar e nomear entidades do universo material ou conceptual.

Por fim, cabe notar que o determinante indefinido *cada* pode, opcionalmente, bloquear a atribuição do valor ‘plural’ ao traço de número do constituinte sujeito, mesmo quando existe coordenação aditiva entre sintagmas nominais completos, como nos exemplos de (25). Este efeito decorre da natureza de quantificador distributivo do pronome

4 De acordo com a gramática tradicional, as frases de (23) manifestariam concordância semântica e não concordância gramatical. O facto de nomes que designam uma entidade singular mas cujo traço morfológico de número tem o valor plural (como “óculos” ou “calças”) desencadearem concordância verbal na terceira pessoa do plural mostra, contudo, que a concordância verbal é sempre gramatical e não semântica (cf. (i) e (ii) abaixo). Do mesmo modo, nomes que designam um conjunto de entidades e não uma entidade singular mas que, morfológicamente, têm o valor singular para o traço de número (como “malta”, “pessoal”, “cardume”, “manada”) desencadeiam concordância verbal gramatical e não semântica. Vejam-se as frases em (iii) e (iv), com concordância verbal na terceira pessoa do singular, ainda que o sujeito seja semanticamente plural.

- (i) a. *Os óculos da Maria caíram ao chão e partiram-se.*  
b. *\*Os óculos da Maria caiu ao chão e partiu-se.*  
(ii) a. *Essas calças ficam-te bem.*  
b. *\*Essas calças fica-te bem.*  
(iii) a. *O pessoal está farto de esperar.*  
b. *\*O pessoal estão fartos de esperar.*  
(iv) a. *O cardume de sardinhas encheu-lhes o barco.*  
b. *\*O cardume de sardinhas encheram-lhe o barco.*

indefinido *cada* e é aproximável do *modus operandi* da disjunção exclusiva. Nas frases com concordância sujeito-verbo na terceira pessoa do singular (isto é, (25a) e (25c)), acentua-se a interpretação disjuntiva/separativa relativamente ao conjunto de eventos descritos pelas frases. Assim, em (25a), por exemplo, cada uma das inspecções efectuadas pela equipa de veterinários é tomada como um evento particular, destacado pela sua singularidade.

(25) a. *Cada cão e cada gato foi inspeccionado pela equipa de veterinários.*

(i. e., cada um dos cães foi inspeccionado pela equipa de veterinários e cada um dos gatos foi igualmente inspeccionado pela mesma equipa de veterinários)

b. *Cada cão e cada gato foram inspeccionados pela equipa de veterinários.*

c. *Cada adulto com mais de 80 anos e cada criança com menos de 10 receberá uma oferta.*

d. *Cada adulto com mais de 80 anos e cada criança com menos de 10 receberão uma oferta.*

### 2.1.1 Coordenação e elipse: falsos sujeitos simples; falsos sujeitos compostos em posição pós-verbal

Nas frases apresentadas em (26) e (27), parece existir opcionalidade relativamente à forma como se manifesta a concordância verbal, já que o verbo se apresenta na terceira pessoa do plural em (26a) e (27a), mas na terceira pessoa do singular nas frases (26b) e (27b). Na realidade, não existe opcionalidade no domínio da concordância verbal, pois o verbo partilha sempre com o sintagma nominal sujeito o mesmo valor para os traços de pessoa e número, conforme dissemos na secção 1. acima. A variação observada nos exemplos abaixo indica que as frases (26a) e (27a) não têm a mesma estrutura que as frases (26b) e (27b), ainda que superficialmente sejam idênticas (por apresentarem a mesma sequência de itens lexicais).

(26) a. *A poluição marítima e atmosférica já atingem áreas protegidas.*

b. *A poluição marítima e atmosférica já atinge áreas protegidas.*

(27) a. *ainda quando a autoridade paterna e materna fossem delegadas...*

(*apud* BECHARA, 1999, p. 554)

b. *ainda quando a autoridade paterna e materna fosse delegada...*

Nas frases (26b) e (27b), o núcleo do sintagma nominal é um nome singular, respectivamente *poluição* e *autoridade*. É o valor singular do traço de número dos nomes *poluição* e *autoridade* que se transmite aos sintagmas nominais que se constituem a partir deles. Cada um dos sintagmas nominais presente nas frases (26b) e (27b) inclui ainda dois modificadores adjectivais coordenados entre si. A coordenação entre diferentes modificadores de um mesmo núcleo nominal é irrelevante para a determinação do valor singular ou plural do sintagma nominal sujeito. Ou seja, a coordenação entre diferentes modificadores do nome não leva à formação de um sujeito composto. Assim, em (26b) e (27b), temos

um sujeito simples, pois integra um só núcleo nominal, respectivamente, o nome singular *poluição* e o nome singular *autoridade*. A concordância verbal estabelece-se, portanto, na terceira pessoa do singular.

Em que diferem, então, as frases (26a) e (27a) das frases (26b) e (27b)? E porque se manifesta nas primeiras a concordância verbal na terceira pessoa do plural? Nas frases (26a) e (27a), ocorrem sujeitos compostos, os quais, como vimos, resultam da coordenação entre sintagmas nominais “completos”. O que torna a estrutura destas frases menos óbvia é o facto de o núcleo nominal do segundo membro da estrutura coordenada se encontrar elidido. Se reconstituirmos o nome elidido, obteremos as frases em (28):

- (28) a. *A poluição marítima e a poluição atmosférica já atingem áreas protegidas.*  
b. *ainda quando a autoridade paterna e a autoridade materna fossem delegadas...*

A concordância verbal estabelece-se na terceira pessoa do plural tanto nas frases (30a)-(27a) como nas frases (28a)-(28b) porque umas e outras têm a mesma estrutura. É a elipse do nome nas primeiras que torna essa estrutura parcialmente invisível. Mas a concordância verbal na terceira pessoa do plural é um indicador seguro da existência de um sujeito composto nas frases (26a)-(27a) tal como nas frases de (28).<sup>5</sup>

Em frases com sujeitos pós-verbais que envolvem coordenação, volta a observar-se uma aparente opcionalidade quanto ao estabelecimento da concordância verbal na terceira pessoa do singular ou na terceira pessoa do plural, como mostra o exemplo (29):

- (29) a. *Vivem aqui a tia Henriqueta e a cadela Milú.*  
b. *Vive aqui a tia Henriqueta e a cadela Milú.*

De novo, a opcionalidade é uma ilusão decorrente do facto de a estrutura de uma das frases em (29) não ser completamente visível, pois um seu constituinte apresenta-se elidido. Na frase (29a), *a tia Henriqueta e a cadela Milú* é um sujeito composto, e, portanto, plural, que desencadeia concordância verbal no plural. Na frase (29b), não existe um sujeito composto e por isso a concordância estabelece-se no singular com o sujeito simples *a tia Henriqueta*. Ou seja, na frase (29b), não há coordenação entre dois sintagmas nominais (logo, não há formação de um sujeito composto), mas sim coordenação entre duas orações, encontrando-se o verbo elidido na segunda. A frase (29b) tem a mesma estrutura que a frase (30) abaixo, dela diferindo apenas por a frase (30) não envolver elipse verbal.

- (30) *Vive aqui a tia Henriqueta e vive a cadela Milú.*

---

5 O comentário de Bechara (1999) a propósito da frase (27a) sugere uma excepção às regras da concordância verbal que, na verdade, não se verifica – “Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se se tratasse na realidade de sujeito composto”. (BECHARA, 1999, p. 554). Conforme se esclareceu acima, o sujeito da frase (27a) é efectivamente um sujeito composto.

Sempre que um aparente sujeito composto pós-verbal não desencadeia concordância verbal no plural, estamos perante uma estrutura que coordena orações e não sintagmas nominais, mas em que apenas o verbo da primeira oração da estrutura coordenada se apresenta visível. Este verbo manifestará sempre concordância com o constituinte nominal ou pronominal que imediatamente o segue, como mostram os exemplos abaixo, por ser esse o sujeito da oração cujo verbo se apresenta visível.<sup>6</sup>

- (31) a. *Chegaste tu e o Pedro e logo a seguir deu-se o acidente.*  
 (i. e., “Chegaste tu e [chegou] o Pedro...)  
 b. *Chegou o Pedro e tu e logo a seguir deu-se o acidente.*  
 (i. e., “Chegou o Pedro e [chegaste] tu...)  
 c. \**Chegou tu e o Pedro e logo a seguir deu-se o acidente.*  
 d. \**Chegaste o Pedro e tu e logo a seguir deu-se o acidente.*

Que nas frases (29b) e (31a-b) existe coordenação oracional e elipse verbal e não coordenação entre sintagmas nominais e formação de um sujeito composto foi mostrado por Colaço (1999), com base em diferentes argumentos. Consideremos aqui três desses argumentos. Os exemplos (32) a (35) são de Colaço (1999, p. 354-355).

Predicados verbais como *encontrar-se*, *reunir-se* exigem sujeitos semanticamente plurais. A frase (32a) abaixo é uma frase bem formada, pois o sujeito pós-verbal é um sujeito composto, logo, gramatical e semanticamente plural, satisfazendo os requisitos semânticos dos predicados *encontrar-se*, *reunir-se*. A agramaticalidade da frase (i-b) explica-se por nela não existir um sujeito composto, conforme indica a concordância na terceira pessoa do singular. O sujeito simples da frase (32b), i. e., *o Pedro*, o qual designa uma entidade singular, não se coaduna com as propriedades semânticas dos predicados *encontrar-se*, *reunir-se*. De igual modo se explica o contraste de gramaticalidade entre as frases (33a) e (33b), pois o modificador adverbial *em conjunto* cria, com o verbo ao qual se associa, predicados semanticamente afins de *encontrar-se*, *reunir-se*.

- (32) a. *Encontraram-se/reuniram-se o Pedro e a Maria no átrio da Faculdade.*  
 b. \**Encontrou-se/\*reuniu-se o Pedro e a Maria no átrio da Faculdade.*
- (33) a. *Trabalharam o Pedro e a Maria em conjunto.*  
 b. \**Trabalhou o Pedro e a Maria em conjunto.*

6 Em estruturas com orações participiais, observam-se factos semelhantes aos acima descritos, tendo em conta as formas finitas do verbo:

- (i) a. *Comprados o frango e as batatas fritas, vim logo para casa.* (sujeito composto)  
 b. *Comprado o frango e as batatas fritas, vim logo para casa.* (sujeito simples)  
 (i. e., “Comprado o frango e [compradas] as batatas fritas...)  
 c. *Compradas as batatas fritas e o frango, vim logo para casa.* (sujeito simples)  
 (i. e., “Compradas as batatas fritas e [comprado] o frango...)  
 d. \**Compradas o frango e as batatas fritas, vim logo para casa.*  
 e. \**Comprado as batatas fritas e o frango, vim logo para casa.*



Não havendo coordenação entre sintagmas nominais e formação de um sujeito composto, mas antes coordenação entre orações, como no exemplo (34a), cada uma das orações pode integrar um modificador adverbial. A agramaticalidade de (34b), em contraste com a boa formação de (34a), explica-se por em (34b) existir apenas uma oração, construída com o predicado verbal *telefonar* e o sujeito composto *o Pedro e a Maria*. A existência de um único domínio oracional é incompatível com a presença simultânea dos advérbios *hoje* e *ontem*, pois o âmbito de modificação semântica de cada um desses advérbios é a oração. Nas frases com um sujeito pós-verbal composto e, portanto, com concordância verbal na terceira pessoa do plural, só há lugar para um dos advérbios temporais, como mostra a gramaticalidade de (34c), a confrontar com a agramaticalidade de (34b).

- (34) a. *Telefonou hoje o Pedro e ontem a Maria.*  
(i. e., “Telefonou hoje o Pedro e telefonou ontem a Maria”)  
b. \**Telefonaram hoje o Pedro e ontem a Maria.*  
c. *Telefonaram hoje/ontem o Pedro e a Maria.*

Havendo formação de um sujeito composto, o sintagma nominal sujeito (resultante da coordenação de dois ou mais sintgmas nominais) é, como dissemos, gramatical e semanticamente plural. Por isso, pode ser modificado por uma oração relativa que integre o pronome recíproco *se*, o qual exige um antecedente plural. A concordância verbal na terceira pessoa do plural da frase (35a) indica que a mesma frase integra um sujeito composto, daí a compatibilidade com a oração relativa *que se odeiam*. Na frase (35b), pelo contrário, a concordância na terceira pessoa do singular indica que não existe um sujeito composto, mas antes coordenação entre orações, cada uma das quais tem um sujeito simples, respectivamente o sintagma nominal singular *o rapaz* e o sintagma nominal singular *a rapariga*. Não existe, pois, em (35b) um antecedente apropriado para o pronome recíproco da oração relativa *que se odeiam*, o que explica a agramaticalidade de (35b).

- (35) a. *Telefonaram o rapaz e a rapariga que se odeiam (um ao outro).*  
b. \**Telefonou o rapaz e a rapariga que se odeiam (um ao outro).*

Os argumentos avançados por Colaço (1999) para mostrar que não existe opcionalidade no que diz respeito ao modo como se manifesta a concordância entre o verbo e um sujeito pós-verbal podem ser usados para mostrar que também assim é quando está em causa um sintagma nominal sujeito com uma estrutura interna complexa, ocorrendo em posição pré-verbal. Vimos no início desta secção (2.1.1.) que frases como *A poluição marítima e atmosférica atingem já áreas protegidas* e *A poluição marítima e atmosférica atinge já áreas protegidas* têm diferentes estruturas. Por isso, em cada uma das frases, a concordância sujeito-verbo manifesta-se diferentemente. Os contrastes de gramaticalidade entre as frases (a) e as frases (b) nos exemplos (36) a (38) abaixo comprovam que existe um sujeito



composto sempre que e só se há concordância verbal na terceira pessoa do plural. Assim, (36a) e (37a) são frases bem formadas porque o sintagma nominal sujeito plural satisfaz os requisitos quer dos predicados *encontrar-se*, *reunir-se*, quer do pronome recíproco *se*. A frase (38a) é igualmente bem formada porque as expressões adverbiais *desde há muito*, *desde há pouco* podem modificar independentemente a relação estabelecida entre cada um dos constituintes que formam um sujeito composto e o predicado.

(36) a. *O chefe da mafia americana e italiana reuniram-se pela primeira vez em Paris.*

(i. e., “O chefe da mafia americana e o chefe da mafia italiana reuniram-se pela primeira vez em Paris”)

b. *\*O chefe da mafia americana e italiana reuniu-se pela primeira vez em Paris.*

(37) a. *Chegaram o chefe da mafia americana e italiana, os quais se odeiam.*

(i. e., “Chegaram o chefe da mafia americana e o chefe da mafia italiana, os quais se odeiam”)

b. *\*Chegou o chefe da mafia americana e italiana, os quais se odeiam.*

(38) a. *A poluição marítima, desde há muito, e atmosférica, desde há pouco, já atingem áreas protegidas.*

(“A poluição marítima, desde há muito, e a poluição atmosférica, desde há pouco, já atingem áreas protegidas”)

b. *\*A poluição marítima, desde há muito, e atmosférica, desde há pouco, já atinge áreas protegidas.*

## 2.1.2 Frases que incluem constituintes parentéticos entre o sujeito e o verbo – relação com os diferentes tipos de coordenação (copulativa, disjuntiva, comitativa)

Na frase (39) abaixo, o constituinte com a função de sujeito inclui mais do que um sintagma nominal sem que, no entanto, se forme um sujeito composto. Por isso, a concordância sujeito-verbo estabelece-se na terceira pessoa do singular.

(39) *O rapaz, um cidadão e um ingénuo, ficou sem resposta.*

Na frase (39), o sintagma nominal complexo *um cidadão e um ingénuo* (que envolve coordenação copulativa) funciona como modificador apositivo do sintagma nominal *o rapaz*, traduzindo um comentário do locutor relativamente à entidade nomeada por *o rapaz*. A frase (39) acima é interpretativamente equivalente à frase (40) abaixo, que inclui uma oração relativa apositiva.

(40) *O rapaz, que era um cidadão e um ingénuo, ficou sem resposta.*

Quer a oração relativa em (40), quer o sintagma nominal complexo em (39), que se designa por *aposto*, são constituintes parentéticos e não constituintes coordenados

assindeticamente com o nome que os precede. Os constituintes parentéticos (normalmente delimitados por vírgulas, por parêntesis, ou por travessões, na escrita) são irrelevantes no que diz respeito à determinação do valor do traço de número do sintagma nominal sujeito (ou seja, quando modificam um sujeito simples, não o transformam, por isso, em sujeito composto). Assim, na frase (39) acima, o sintagma nominal sujeito tem um só núcleo nominal (i. e., o nome singular *o rapaz*), o qual determina a forma da concordância sujeito-verbo, tanto no que diz respeito ao traço de número como ao traço de pessoa.<sup>7</sup>

Os apostos nominais<sup>8</sup> podem ser constituídos por uma série de epítetos expressos por sintagmas nominais coordenados assindeticamente, como na frase (40) abaixo. Também neste caso o aposto é um constituinte parentético, equivalente a uma oração relativa apositiva (cf. (41) abaixo), sendo, portanto, irrelevante relativamente à determinação do valor do traço de número partilhado pelo sintagma nominal sujeito e pelo verbo.<sup>9</sup>

(40) *O Rodrigo, aquele cretino, aquele sonso, aquele lambe-botas, não fez o que combinámos.*

(41) *O Rodrigo, que é um cretino, um sonso, um lambe-botas, não fez o que combinámos.*

Os apostos nominais podem ser ainda paráfrases explicativas (como nas frase (48a-c) abaixo), por vezes com um valor claramente identificacional (como nas frases (49a-b) abaixo), do sintagma nominal que modificam. Este tipo de constituinte parentético pode ser introduzido pela conjunção *ou* ou pela expressão conjuncional *ou seja*. Também nestes casos o aposto nominal pode alternar com uma relativa apositiva (cf. (44) abaixo) e, ainda que associado ao sintagma nominal sujeito, não contribui para a definição do valor dos traços manifestados pela relação de concordância entre o sujeito e o verbo.

(42) a. *A arritmia (as constracções irregulares dos ventrículos) não é uma doença grave.*

b. *A arritmia, ou constracções irregulares dos ventrículos, não é uma doença grave.*

c. *A arritmia, ou seja, as constracções irregulares dos ventrículos, não é uma doença grave.*

(43) a. *D. Leonor, a fundadora das Misericórdias portuguesas e a terceira mulher do rei D. Manuel, nasceu em Castela.*

7 Se o núcleo do sintagma nominal for um pronome pessoal, o verbo manifestará, portanto, os traços de pessoa/número do pronome pessoal, como na frase (i) abaixo, em que o verbo e o pronome pessoal *nós* partilham os traços de segunda pessoa do plural. Na mesma frase, o constituinte *os ladrões*, que integra o sintagma nominal sujeito, é um aposto especificativo do pronome *nós*.

(i) *Nós os ladrões também temos princípios.*

8 Os apostos podem ser nominais, adjectivais ou oracionais. A aposição nominal pode ser *explicativa* (ou *bimembre*), como em *A lua, o satélite da terra, não gira à volta do sol*, *O rebanho, 300 ovelhas e 20 cabras, já não tinha como se alimentar*, ou antes *especificativa* (ou *unimembre*), como em *O livro 'As Pupilas do Senhor Reitor' continua a vender-se regularmente*, *O rio Tejo separa o centro do sul de Portugal*. Veja-se Martínez (1999) e Suñer Gratacós (1999).

9 Existindo uma sequência de epítetos, como na frase (i) abaixo, só o sintagma nominal que expressa o primeiro desses epítetos desencadeia a concordância verbal, tendo os seguintes o valor de apostos e comportando-se como a generalidade dos constituintes parentéticos quanto à ausência de interferência na concordância sujeito-verbo. Uma sequência de epítetos não forma, pois, um sujeito composto.

(i) *Aquele cretino, aquele pedante, aquele grosseiro, saiu sem pagar.*

b. *D. Leonor (ou seja, a fundadora das Misericórdias portuguesas e a terceira mulher do rei D. Manuel) nasceu em Castela.*

(44) a. *A arritmia (que são as contracções irregulares dos ventrículos) não é uma doença grave.*

b. *D. Leonor, que foi a fundadora das Misericórdias portuguesas e a terceira mulher do rei D. Manuel, nasceu em Castela.*

A presença de constituintes parentéticos ocorrendo entre o sintagma nominal sujeito (desencadeador da concordância sujeito-verbo) e o verbo vai para além das situações em que esse constituinte parentético é um aposto. Na frase (45) abaixo, ocorre um constituinte parentético introduzido por uma conjunção coordenativa aditiva, o qual representa um complemento de informação relativamente à que se obteria a partir da frase correspondente que não o integrasse. Nas frases (46a) a (46c), ocorrem constituintes parentéticos introduzidos pela conjunção disjuntiva *ou*, os quais expressam uma rectificação ou esclarecimento relativamente ao conteúdo referencial do sintagma nominal sujeito, com implicações para a interpretação de toda a frase, pois modificam o modo como é avaliada a relação de predicação entre o sujeito e o sintagma verbal.

(45) *D. João I, bem como / assim como os seus filhos, foi uma personalidade notável.*<sup>10</sup>

(46) a. *Esse plano, ou (antes) os seus efeitos no equilíbrio ecológico, parece-me perigoso.*

b. *A falta de auto-estima, ou os medos a ela associados, pode não ser superável senão com tratamento médico.*

c. *Os olhos dele, ou (melhor) aquele olhar esgazeado, são assustadores.*

Como mostram as frases (45) e (46a-c), os constituintes parentéticos que corrigem, esclarecem ou adicionam informação estão, tal como os apostos, excluídos da relação de concordância entre o sujeito e o verbo. Por isso, a concordância estabelece-se na terceira pessoa do singular nas frases (45) e (46a-b) e na terceira pessoa do plural na frase (52c). Uma sequência de dois sintagmas nominais, o segundo dos quais é introduzido por uma conjunção coordenativa, não implica, pois, necessariamente, que estejamos perante uma estrutura de coordenação entre sintagmas nominais, com a consequente formação de um sujeito composto. O facto de os constituintes parentéticos (não apositivos)<sup>11</sup> iniciados por conjunção coordenativa poderem ocupar diferentes posições na frase, como atestam (47) e (48) abaixo, mostra que o âmbito da rectificação, do esclarecimento ou do complemento de informação introduzidos por esses constituintes parentéticos é a frase.

<sup>10</sup> Note-se que a conjunção coordenativa aditiva *e* não pode introduzir constituintes parentéticos, daí a agramaticalidade de (i):

(i) \*D. João I, e (também) os seus filhos, foi uma personalidade notável.

<sup>11</sup> Note-se que, diferentemente dos apostos nominais, estes constituintes parentéticos não são substituíveis por relativas apositivas.

- (47) a. *Esse plano, ou (antes) os seus efeitos no equilíbrio ecológico, parece-me perigoso.*  
 b. *Esse plano parece-me perigoso, ou (antes) os seus efeitos no equilíbrio ecológico.*
- (48) a. *Bem como/assim como os seus filhos, D. João I foi uma personalidade notável.*  
 b. *D. João I, bem como/assim como os seus filhos, foi uma personalidade notável.*  
 b. *D. João I foi, bem como/assim como os seus filhos, uma personalidade notável.*  
 c. *D. João I foi uma personalidade notável, bem como/assim como os seus filhos.*

A variação quanto ao posicionamento na frase de um sintagma nominal introduzido por conjunção coordenativa é própria dos constituintes parentéticos (não apositivos) e encontra-se, portanto, vedada às estruturas coordenadas que constroem sujeitos compostos. Daí a agramaticalidade das frases (49b) a (49d) abaixo, nas quais a terceira pessoa do plural manifestada pela forma verbal indica ter-se constituído um sujeito composto. (As conjunções coordenativas *bem como*, *assim como* podem, pois, introduzir sintagmas nominais parentéticos ou não).

- (49) a. *D. João I bem como/assim como os seus filhos foram personalidades notáveis.*  
 b. *\*Bem como/assim como os seus filhos, D. João I foram personalidades notáveis.*  
 c. *\*D. João I foram, bem como/assim como os seus filhos, personalidades notáveis.*  
 d. *\*D. João I foram personalidades notáveis, bem como/assim como os seus filhos.*

As frases em (50) e (51) abaixo parecem revelar um caso de opcionalidade no que diz respeito à concordância sujeito-verbo. A opcionalidade é, no entanto, ilusória porque só nas frase (50a) e (51a) existe uma estrutura de coordenação com a consequente formação de um sujeito composto. Ou seja, em (50a) e (51a), *com* é uma conjunção coordenativa, enquanto em (50b) e (51b) *com* é uma preposição, introduzindo um sintagma preposicional parentético.

- (50) a. *O açúcar com os ovos misturam-se facilmente.*  
 (i. e., “O açúcar e os ovos misturam-se facilmente”)  
 b. *O açúcar com os ovos mistura-se facilmente.*
- (51) a. *Um gato com um cão não convivem facilmente.*  
 (i. e., “Um gato e um cão não convivem facilmente”)  
 b. *Um gato com um cão não convive facilmente.*

A separação entre *com* coordenativo e *com* preposicional manifesta-se claramente de duas formas: enquanto o sintagma nominal introduzido pela conjunção coordenativa *com* ocorre necessariamente adjacente ao primeiro membro da estrutura de coordenação, o sintagma preposicional introduzido por *com* pode ocupar diferentes posições na frase (vejam-se os exemplos em (52) e (53) abaixo); por outro lado, enquanto a preposição *com* pode ocorrer associada a um pronome dativo (por exemplo, *-tigo* na forma contracta

*contigo*), tal associação é impossível quando ocorre a conjunção coordenativa *com* (vejam-se os exemplos em (54) e (55)).<sup>12</sup> Tenha-se presente que as frases em que o verbo ocorre na terceira pessoa do plural são aquelas em que *com* coordenativo cria (ou criaria se a frase fosse gramatical) um sujeito composto; pelo contrário, nas frases em que o verbo se apresenta na terceira pessoa do singular, *com* é preposicional, não altera a natureza do sujeito (i. e., não transforma um sujeito simples num sujeito composto) e não interfere, portanto, na concordância verbal.<sup>13</sup>

- (52) a. *O açúcar com os ovos mistura-se facilmente.*  
(*com* preposicional)  
b. *Com os ovos, o açúcar mistura-se facilmente.* (*idem*)  
c. *O açúcar mistura-se com os ovos facilmente.* (*idem*)  
d. *O açúcar mistura-se facilmente com os ovos.* (*idem*)
- (53) a. *O açúcar com os ovos misturam-se facilmente.* (*com* conjuncional)  
b. *\*Com os ovos, o açúcar misturam-se facilmente.* (*idem*)  
c. *\*O açúcar misturam-se com os ovos facilmente.* (*idem*)  
d. *\*O açúcar misturam-se facilmente com os ovos.* (*idem*)
- (54) a. *Tu com a tua filha fazes de tudo uma festa.* (*com* preposicional)  
b. *A tua filha contigo faz de tudo uma festa.* (*idem*)
- (55) a. *Tu com a tua filha fazem de tudo uma festa.* (*com* conjuncional)  
b. *\*A tua filha contigo fazem de tudo uma festa.* (*idem*)

## 2.2 Frases com um constituinte topicalizado retomado por um sujeito pronominal (expresso ou nulo)

Nas frases de (56) e (57), observamos que o verbo ocorre ora na terceira pessoa do singular, ora na terceira pessoa do plural, embora o constituinte sujeito pareça ser o mesmo nas frases (a), que apresentam o verbo no singular, e nas frases (b), estas com o verbo no plural.

- (56) a. *Peras em vinho é a minha sobremesa favorita.*  
b. *Peras em vinho são a minha sobremesa favorita.*
- (57) a. *Um café e um pão com manteiga chega bem para o pequeno-almoço.*  
b. *Um café e um pão com manteiga chegam bem para o pequeno-almoço.*

12 Informação adicional sobre este assunto pode encontrar-se em Colaço (2004). Note-se que, como revela o exemplo (57a), os *predicados simétricos* que tornam possível a coordenação com a conjunção *com* não envolvem, necessariamente, “no seu significado, uma ideia de fusão de duas entidades numa terceira”. (COLAÇO, 2004, p. 394)

13 Quando há coordenação, estabelecida pela conjunção *com*, entre um pronome pessoal de primeira pessoa e um sintagma nominal, o verbo apresenta-se naturalmente na segunda pessoa do plural:

(i) *Eu com os meus amigos encontramos-nos todos os fins de semana.*

Esta variação é inesperada face às regras que definimos para a concordância sujeito-verbo na secção 1 acima. Veremos, no entanto, que, de facto, não é incompatível com as mesmas regras. Enquanto, nas frases (56b) e (57b), o verbo concorda com os sintagmas nominais plurais *peras em vinho* e *um café e um pão com manteiga* (respectivamente, um sujeito simples e um sujeito composto), nas frases (56a) e (57a), os mesmos sintagmas nominais encontram-se topicalizados e retomados por um pronome nulo, associado ao valor singular. Ou seja, as frases (56a) e (57a), repetidas abaixo, são equivalentes às frases (58b) e (59b), nas quais os sintagmas nominais topicalizados estão retomados por um pronome demonstrativo neutro, que corresponde à expressão gramatical do sujeito e que determina que a concordância verbal se estabeleça na terceira pessoa do singular.

- (58) a. *Peras em vinho é a minha sobremesa favorita.*  
 (i. e., “Peras em vinho, [pronome nulo] é a minha sobremesa favorita”)  
 b. *Peras em vinho, isso é a minha sobremesa favorita.*
- (59) a. *Um café e um pão com manteiga chega bem para o pequeno-almoço.*  
 (i. e. “Um café e um pão com manteiga, [pronome nulo] chega bem para o pequeno almoço”)  
 b. *Um café e um pão com manteiga, isso chega bem para o pequeno almoço.*

Nas línguas que não admitem sujeitos nulos, como é o caso do francês, não existe uma forma não visível (i. e., sem realização fonológica) correspondente ao pronome demonstrativo neutro (*ça*, *c’* no francês). Assim, em francês, no tipo de frases que estamos a observar, a presença do pronome demonstrativo neutro é obrigatória quando a concordância verbal se manifesta no singular e impossível quando a concordância verbal se manifesta no plural. Vejam-se os exemplos (60) e (61):

- (60) a. *Les poires, c’est mon dessert favori.*  
 b. \**Les poires est mon dessert favori.*  
 c. *Les poires sont mon dessert favori.*  
 d. \**Les poires, ce sont mon dessert favori.*
- (61) a. *Un café et un pain, ça me me suffit comme petit déjeuner.*  
 b. \**Un café et un pain me suffit comme petit déjeuner.*  
 c. *Un café et un pain me suffisent comme petit déjeuner.*  
 d. \**Un café et en pain, ça me suffisent comme petit déjeuner.*

Os dados do francês corroboram assim a análise apresentada para as frases do português. Se um sintagma nominal, pré-verbal, plural, aparentemente desempenhando a função de sujeito, não determina que o verbo ocorra no plural, então esse sintagma nominal encontra-se topicalizado. Nesse caso, será o pronome singular, com ou sem realização



fonológica, que retoma o constituinte topicalizado a desempenhar realmente a função de sujeito e a determinar a forma que assume a concordância sujeito-verbo.<sup>14</sup>

No português, os sintagmas nominais especificados por um determinante definido (por exemplo, o artigo definido *o, os, a, as*) não podem, em geral, ser topicalizados e retomados por um pronome sujeito (visível ou nulo) responsável pela concordância sujeito-verbo. Por isso as frases (b), em contraste com as frases (a), nos exemplos (62) a (64) abaixo são agramaticais:<sup>15</sup>

- (62) a. *Chapéus não me fica bem.*  
 b. \**Os chapéus não me fica bem.*
- (63) a. *Sapatos é o adereço que o faz perder a cabeça.*  
 b. \**Os sapatos é o adereço que o faz perder a cabeça.*
- (64) a. *Criaturas tristonhas, aborrece-me mortalmente.*  
 b. \**As criaturas tristonhas, aborrece-me mortalmente.*

## 2.3 Sujeitos que integram expressões partitivas do tipo *a maioria de*

Se o sujeito contém uma expressão partitiva, no singular, que introduz um sintagma nominal plural, a concordância estabelece-se com a expressão partitiva, como em (62a) abaixo, mas pode estabelecer-se igualmente com o sintagma nominal por ela introduzido,

14 Estruturas semelhantes às acima descritas são aquelas em que um sintagma nominal plural, topicalizado, é retomado pelo pronome indefinido *tudo* ou ainda por um dos pronomes indefinidos invariáveis *nada, ninguém, alguém, algo*. Também neste caso, de acordo com o que acima ficou dito, a concordância sujeito-verbo se estabelece na terceira pessoa do singular:

- (i) a. *Os têxteis a preços imbatíveis, tudo (isso) vem da China.*  
 b. *Os têxteis a preços imbatíveis vem tudo da China.*
- (ii) a. *As ruas, as casas, as árvores, as pessoas, nada parecia verdadeiro.*  
 b. *As ruas, as casas, as árvores, as pessoas, não parecia nada verdadeiro.*
- (iii) a. *Familiares, amigos, colegas, alguém havia de responder ao seu apelo.*  
 b. *Familiares, amigos, colegas, ninguém respondeu ao meu apelo.*  
 c. *Uma açorda, uma omelete, um cachorro, algo jantaremos.*
- (iv) a. *Estes restaurantes é/\*são tudo uma decepção.* [topicalização de *estes restaurantes*]  
 b. *Estes restaurantes são/\*é uma decepção.* [não topicalização de *estes restaurantes*]

Relativamente à agramaticalidade de \**Estes restaurantes é uma decepção*, veja-se o que se diz a seguir (no corpo do texto) sobre a existência de restrições à topicalização de sintagmas nominais sujeito quando especificados por determinantes definidos (entre os quais se incluem os pronomes demonstrativos).

15 Não havendo topicalização e ocorrendo, portanto, o verbo na terceira pessoa do plural, o contraste desaparece:

- (i) a. *Chapéus não me ficam bem.*  
 b. *Os chapéus não me ficam bem.*
- (ii) a. *Sapatos são o adereço que o faz perder a cabeça.*  
 b. *Os sapatos são o adereço que o faz perder a cabeça.*
- (iii) a. *Criaturas tristonhas aborrecem-me mortalmente.*  
 b. *As criaturas tristonhas aborrecem-me mortalmente.*



como em (65b),<sup>16</sup> ainda que esta segunda opção não seja consensualmente tida por normativa.<sup>17</sup>

(65) a. *A maioria dos passageiros preferiu permanecer a bordo.*

b. *A maioria dos passageiros preferiram permanecer a bordo.* [não padrão]

A variação relativa à concordância sujeito-verbo que as frases em (65) exemplificam observa-se quando o sintagma nominal sujeito integra expressões partitivas como: *a maioria de*; *uma parte de*; *uma grande/pequena parte de*; *uma boa parte de*; *um grande/pequeno número de*; *um certo número de*; *uma porção de*; *uma imensidade de*; *uma quantidade de*; *uma infinidade de*; *a totalidade de*; *uma dezena/vintena/... de*; *o resto de*; *a maior parte de*; *a maioria de*; *metade/uma terça parte/... de*; *o grosso de...* As expressões partitivas definem relações de parte/todo, ou seja, identificam quantidades avaliadas quanto à sua dimensão (pequena /média/grande) relativamente a um valor total estabelecido no discurso ou pragmaticamente pressuposto.<sup>18</sup> As expressões partitivas têm, portanto, uma natureza quantitativa e não devem ser confundidas com expressões como *um grupo de*, *um conjunto de*, *uma concentração de*, etc.<sup>19</sup> Ainda que as expressões do tipo *a maioria de* e as expressões do tipo *um grupo de* sejam linearmente semelhantes (por envolverem a sequência ‘determinante + nome + sintagma preposicional introduzido por *de*’), só as primeiras expressam quantificação relativa e viabilizam, no que diz respeito à concordância sujeito-verbo, a variação ilustrada pelas frases em (65) acima. Observe-se como só a concordância na terceira

16 Por outro lado, se a expressão partitiva introduzir um pronome pessoal, a concordância verbal pode manifestar os traços de pessoa/número do pronome pessoal. Veja-se a nota 1, da secção 1, do presente sub-capítulo e os exemplos (i) e (ii) abaixo.

(i) a. *A maioria de nós voltámos a dar-nos bem.*

b. *A maioria de nós voltou a dar-se bem.*

(ii) a. *A maior parte de nós regressámos a casa (/às nossas casas) desolados.*

b. *A maior parte de nós voltou a casa (/à sua casa) desolado.*

17 A dupla opção quanto à forma da concordância verbal (na terceira pessoa do singular ou na terceira pessoa do plural) encontra-se também noutras línguas românicas, como, por exemplo, o italiano e o espanhol (cf. RENZI et al., (1995, p. 228-229) e Martínez (1999, p. 2766)).

18 Na maior parte dos casos, a quantidade (relativa) identificada pelas expressões cardinais partitivas corresponde a um valor numérico indeterminado. Exceptuam-se as expressões como *uma dezena/vintena de*.

19 A este segundo tipo pertencem ainda expressões como *uma comissão de* (trabalhadores), *uma equipa de* (futebolistas), *uma assembleia de* (docentes), *uma família de*, *uma quadrilha de*, *um bando de*, *uma turma de*, *uma unidade de* (marinheiros), *um batalhão de* (soldados), *uma comunidade de* (pescadores), *um rebanho de*, *um cardume de*, *uma réstea de* (alhos/cebolas), etc. Repare-se que nestas expressões o nome que precede a preposição *de* é um nome colectivo, o que não é o caso das palavras *maioria*, *parte*, *metade*, etc. que integram as expressões partitivas.

pessoa do singular é gramaticalmente possível quando estão em causa expressões do tipo *um grupo de* (independentemente da oposição entre variantes padrão e não padrão):<sup>20</sup>

- (66) a. *Um grupo/um conjunto de passageiros preferiu permanecer a bordo.*  
b. \**Um grupo/um conjunto de passageiros preferiram permanecer a bordo.*
- (67) a. *Uma concentração de asnos provocou o pânico entre os passageiros na estação do Cais do Sodré.*  
b. \**Uma concentração de asnos provocaram o pânico entre os passageiros na estação do cais do Sodré.*

A diferença entre as expressões partitivas, como *a maioria de*, e as expressões (não partitivas) como *um grupo de* pode estabelecer-se claramente observando como nas primeiras o nome de natureza quantificacional (por exemplo, *maioria*) e o nome introduzido pela preposição *de* designam diferentes conjuntos de entidades (não são, portanto, correferentes), enquanto nas segundas o nome colectivo (por exemplo, *grupo*) é correferente do nome introduzido pela preposição *de*.<sup>21</sup> Assim, na expressão *a maioria dos passageiros*, o nome *maioria* designa uma parte do conjunto (total) de indivíduos designado pelo nome *passageiros* (logo, *maioria* e *passageiros* não têm o mesmo referente), mas, na expressão *um grupo de passageiros*, os nomes *grupo* e *passageiros* designam o mesmo conjunto de indivíduos.<sup>22</sup>

Voltando à variação permitida, no domínio da concordância verbal, pelas expressões cardinais partitivas – de novo ilustrada em (68) abaixo –, cabe perguntar como explicá-la.

- (68) a. *Uma boa parte dos pinheiros secou.*  
b. *Uma boa parte dos pinheiros secaram.*

20 Note-se que, numa frase como (i) abaixo, o antecedente do pronome relativo é o nome plural *turistas*; por isso, o verbo que ocorre no interior da oração relativa apresenta-se na terceira pessoa do plural. A oração relativa de (i) tem preferencialmente uma interpretação restritiva, identificando um sub-conjunto de entidades entre as designadas pelo nome *turistas*.

(i) *Um grupo de turistas que se disponibilizaram para ajudar ficou isolado.*

Se a oração relativa modificar todo o sintagma nominal *um grupo de turistas* (e não só o nome *turistas*, encaixado no mesmo sintagma nominal), o antecedente do pronome relativo será o nome singular *grupo*, apresentando-se neste caso o verbo da oração relativa na terceira pessoa do singular, como mostra a frase (ii) abaixo. Neste caso, a oração relativa pode ter uma interpretação restritiva (identificando um grupo particular de turistas, entre outros possíveis grupos de turistas) ou apositiva.

(ii) *Um grupo de turistas que se disponibilizou para ajudar ficou isolado.*

21 Na expressão *um grupo de passageiros*, o nome *passageiros* especifica/esclarece a referência do nome *grupo* da mesma forma que há especificação da referência do nome *grupo* em expressões que não envolvem a preposição *de*, tais como: *o grupo "Os Amigos da Terra"*; *o grupo musical que o Rodrigo criou*, etc.

22 Na expressão *a totalidade dos passageiros*, a extensão do conjunto designado pelo nome *totalidade* coincide com a extensão do conjunto designado pelo nome *passageiros*. Ainda assim a expressão é partitiva, porque envolve a comparação (explícita) entre as extensões de dois conjuntos. Dado que o nome *totalidade* funciona como um quantificador universal, acontece neste caso haver coincidência entre a parte (designada pelo nome *totalidade*) e o todo (designado pelo nome *passageiros*).

Na frase (68a), o núcleo do sintagma nominal sujeito é o nome *parte*, o qual é modificado pelo sintagma preposicional *dos pinheiros*. Sendo singular a palavra nuclear do sintagma nominal, a concordância sujeito-verbo estabelece-se na terceira pessoa do singular. Na frase (68b), é o nome *pinheiros* que desencadeia a concordância verbal, aparecendo, portanto, como núcleo do sintagma nominal. A estrutura do sintagma nominal sujeito não é, pois, a mesma em (68a) e (68b). Na segunda frase, a expressão partitiva *uma boa parte dos* funciona como um determinante complexo do nome *pinheiros*, o qual é plural e desencadeia conseqüentemente a concordância verbal na terceira pessoa do plural. O que distingue a variedade do português que permite (68b) da variedade que apenas permite (68a) é a possibilidade de *gramaticalização* das expressões cardinais partitivas do tipo *a maioria de/dos/das*, as quais podem ser analisadas, na variedade mais inovadora, como determinantes complexos.

Deste processo de gramaticalização ficam excluídas as expressões quantificacionais partitivas *um(a) dos/das*, *algum(a) dos/das*, *nenhum(a) dos/das*, *qualquer dos/das*. Na verdade, nestes casos, a concordância verbal estabelece-se sempre com o pronome indefinido, manifestando-se, pois, na terceira pessoa do singular:

- (66) a. *Um/nenhum/qualquer dos pinheiros secou.*  
b. *\*Um/nenhum/qualquer dos pinheiros secaram.*

Por outro lado, o processo de gramaticalização de expressões partitivas, tornadas determinantes complexos, generalizou-se no que diz respeito às expressões cardinais partitivas de percentagem. Estas expressões são sempre interpretadas como determinantes complexos, sendo, por isso, o valor singular ou plural do nome que introduzem que estabelece a concordância verbal, respectivamente, na terceira pessoa do singular ou na terceira pessoa do plural. Observem-se os exemplos em (67):

- (67) a. *Trinta por cento da floresta/do pinhal já ardeu.*  
(cf.: *\*Trinta por cento da floresta/do pinhal já arderam*)  
b. *Trinta por cento dos pinheiros já arderam.*  
(cf.: *\*Trinta por cento dos pinheiros já ardeu*)

Quando o sintagma nominal sujeito é introduzido por *mais de*, é igualmente o nome (expresso ou elidido) que integra o mesmo sintagma nominal que determina a forma da concordância verbal:

- (68) a. *Mais de um (passageiro) ficou em terra.*  
b. *Mais de dez (passageiros) ficaram em terra.*

## 2.4 Sujeitos nulos e correferência

Na *Moderna gramática portuguesa* de Evanildo Bechara (1999, p. 555), tendo em conta a concordância entre um nome colectivo, com a função de sujeito, e o verbo, afirma-se:

Se houver [...] distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a idéia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes: “Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético *o arrastaram* até o meio do rossio e ali *o assassinaram*, e *queimaram* com incrível presteza”

Desta afirmação se deduz que se considera ser o sintagma nominal elidido *o povo* o sujeito das orações que têm como núcleos verbais, respectivamente, *arrastaram*, *assassinaram*, *queimaram*. Esta análise não é, contudo, sustentável, dado que o nome colectivo *povo* não pode desencadear concordância na terceira pessoa do plural, como mostra claramente a agramaticalidade da frase (69):

(69) \**O povo arrastaram o desgraçado.*

A impossibilidade da frase (68) está de acordo com o que sabemos sobre o mecanismo de concordância sujeito-verbo. Sendo o valor do traço (morfológico) de número do nome *povo* singular, a concordância verbal manifestar-se-á necessariamente na terceira pessoa do singular. Para entendermos como analisar sequências oracionais como a apontada por Bechara (1999), consideremos então o exemplo (70):

(70) *O pessoal estava esfomeado; devoraram as entradas num abrir e fechar de olhos.*

No exemplo (70), o sujeito da oração que tem por núcleo verbal *devoraram* é um pronome nulo de terceira pessoa do plural (não sendo a elipse nominal, do constituinte sujeito, legitimada neste contexto).<sup>23</sup> O pronome nulo que expressa o sujeito da segunda oração e o sintagma nominal que expressa o sujeito da primeira oração referem a mesma entidade. Mas sendo a relação de correferência distinta da relação de concordância, o sintagma nominal *o povo* e o pronome nulo não têm que coincidir quanto ao valor do traço (morfológico) de número. Na verdade, estando em causa uma relação de correferência, a partilha do traço semântico de pluralidade adquire relevância relativamente à boa formação das frases. Assim, a sequência oracional em (71) abaixo, na qual existe identidade morfológica, mas não semântica, no que diz respeito ao valor do traço de número dos constituintes nominais correferentes, é menos natural que a que se apresenta em (70):

23 As línguas como o inglês ou o francês, que não legitimam sujeitos nulos, permitem distinguir claramente os contextos de ocorrência de sujeitos nulos (sempre não nulos nessas línguas) dos possíveis contextos de ocorrência de elipse do constituinte sujeito (deixando de contrastar, neste último caso, as línguas que permitem sujeito nulo, como o português, e as que não o permitem, como o inglês ou o francês).

(71) *O pessoal estava esfomeado; devorou as entradas num abrir e fechar de olhos.*<sup>24</sup>

O exemplo (71) mostra que é possível interpretar marginalmente como correferentes um nome semanticamente plural (mas morfológicamente singular) e um pronome nulo morfológica e semanticamente singular. Ou seja, a identidade semântica relativamente ao traço de número é preferencial, mas não obrigatória, entre constituintes que correferem. Quando a par do traço de número está em causa o traço de pessoa, a identidade semântica entre constituintes sujeito que designam a mesma entidade torna-se, contudo, obrigatória. Assim, o exemplo (72a) abaixo representa uma sequência oracional mal formada, porque o pronome nulo de terceira pessoa do singular (i. e., o sujeito de *devorou*) não pode ser interpretado como correferente do sintagma nominal *a gente*, o qual expressa semanticamente a segunda pessoa do plural. Neste caso, a identidade semântica sobrepõe-se à identidade morfológica, pelo que o exemplo (72b) representa uma estrutura gramatical, em contraste com (72a):

- (72) a. \*A gente estava esfomeado; devorou as entradas num abrir e fechar de olhos.  
b. A gente estava esfomeado; devorámos as entradas num abrir e fechar de olhos.

Deve manter-se presente em relação às estruturas discutidas nesta secção que a partilha de traços semânticos de pessoa e número é relevante no que diz respeito ao estabelecimento de relações de correferência, e não no que diz respeito ao mecanismo de concordância sujeito-verbo.<sup>25</sup> A concordância sujeito-verbo, como esclarecemos no início deste sub-capítulo da Gramática e temos vindo a confirmar ao longo do mesmo, é sempre gramatical, envolvendo os traços *morfológicos* de pessoa e número.

## 2.5 Títulos de obras literárias, audiovisuais, científicas. Expressões que traduzem valores monetários ou numéricos, pesos e medidas. Descrições de símbolos políticos, profissionais etc.

Nas frases que têm como sujeito o título de uma obra literária, áudio-visual, científica, etc., representado por um sintagma nominal plural, a concordância sujeito-verbo pode, em geral, estabelecer-se quer na terceira pessoa do singular, quer na terceira pessoa do plural, como mostram os exemplos em (73). Devemos supor que, quando o verbo se apresenta na terceira pessoa do singular, o constituinte sujeito contém um nome

24 Ocorrendo na posição de sujeito da segunda oração o pronome pessoal (não nulo) *ele*, este pronome não pode ser interpretado como correferente do constituinte sujeito da primeira oração.

25 Além das estruturas acima observadas, também mostram que assim é as frases com topicalização de um nome colectivo (morfológicamente singular) retomado por um pronome nulo de terceira pessoa do plural que constitui o sujeito oracional:

(i) *A prole dele, enterravam-no já se pudessem.*

(ii) *Essa raça, são perigosíssimos. Para que queres um cão desses?*

referencialmente abrangente, elíptico, do tipo “obra”, “filme”, “programa”, “livro”, o qual, apesar de não expresso, desencadeia a concordância verbal.<sup>26</sup>

- (73) a. *Os Maias continuam a ter muitos leitores.*  
b. *Os Maias continua a ter muitos leitores.*  
(i. e.: ‘[A obra] *Os Maias* continua a ter muitos leitores’)  
c. *Os Marretas tinham espectadores devotados.*  
d. *Os Marretas tinha espectadores devotados.*  
(i. e.: ‘[O programa] *Os Marretas* tinha espectadores devotados’)  
e. *Os Aspectos da Teoria da Sintaxe apareceram numa tradução de Meireles e Raposo.*  
f. *Os Aspectos da Teoria da Sintaxe apareceu numa tradução de Meireles e Raposo.*  
(i. e.: ‘[O livro] *Aspectos da Teoria da Sintaxe* apareceu numa tradução de Meireles e Raposo’)

A concordância na terceira pessoa do plural fica aliás bloqueada quando a interpretação pretendida implica a reconstituição do tipo de nome elíptico acima mencionado, como mostram os exemplos em (74) abaixo. Assim, uma frase como *Bosque e Demonte venderam milhões de exemplares* só é possível com a interpretação segundo a qual dois indivíduos, de apelido “Bosque” e “Demonte”, venderam, cada um por si ou separadamente, milhões de exemplares de alguma coisa. Tendo a frase esta interpretação, o constituinte *Bosque e Demonte* traduz um sujeito composto, estabelecendo-se, portanto, a concordância sujeito-verbo na terceira pessoa do plural.

- (74) a. *Bosque e Demonte vendeu/ \*venderam milhões de exemplares.*  
(com a interpretação: ‘[A gramática] “Bosque e Demonte” vendeu milhões de exemplares’)  
b. *Corominas e Pascual inspira/ \*inspiram qualquer candidato a etimólogo.*  
(com a interpretação: ‘[O dicionário] “Corominas e Pascual” inspira qualquer candidato a etimólogo’)

Quando expressões que traduzem valores monetários ou numéricos, pesos e medidas ocorrem na posição de sujeito, pode ocorrer a variação previamente observada relativamente ao padrão de concordância sujeito-verbo, aparentemente com idêntica motivação.

<sup>26</sup> As frases relevantes envolvem, portanto, aposição especificativa. Veja-se a secção 2.1.2 acima e, especificamente, a nota 8 da mesma secção.

O mesmo tipo de estrutura parece estar presente quando um nome próprio toponímico, plural, desencadeia concordância verbal no singular. No entanto, neste caso, em contraste com os que discutimos acima, a concordância no singular não é permitida quando o nome próprio toponímico está precedido de artigo definido (sendo, por outro lado, obrigatória na ausência de artigo definido):

- (i) a. *Azenhas do Mar pertence/ \*pertencem ao concelho de Sintra.*  
(i. e.: ‘[A vila] *Azenhas do Mar* pertence ao concelho de Sintra’)  
b. *As Azenhas do Mar \*pertence/ pertencem ao concelho de Sintra.*



- (75) a. *50 euros chegam para muito pouco.*  
 b. *50 euros chega para muito pouco.*  
 (i. e.: ‘[O valor] 50 euros chega para muito pouco’)  
 c. *50 quilómetros não são uma grande distância.*  
 d. *50 quilómetros não é uma grande distância.*  
 (i. e., ‘[O valor] 50 quilómetros não é uma grande distância’)

Se as mesmas expressões integram, no entanto, uma descrição definida (introduzida pelo artigo definido ou por um determinante demonstrativo) só a concordância na terceira pessoa do plural é permitida, como se vê em (76a). Note-se que, neste caso, a reconstituição explícita do nome “valor”, por forma a forçar a concordância na terceira pessoa do singular, produz igualmente um resultado agramatical, como mostra a frase (76b):

- (76) a. *Os/esses 50 euros que me deste \*chegou/chegaram para muito pouco.*  
 b. *\*O valor (d)os/(d)esses 50 euros que me deste chegou para muito pouco.*

Por fim, a possibilidade de a concordância sujeito-verbo se estabelecer ora na terceira pessoa do singular ora na terceira pessoa do plural atesta-se quando a descrição (definida) de um símbolo político, profissional, etc. ocorre na posição de sujeito, como mostram as frases em (77). Enquanto a frase (77a) tem um sujeito simples, por o sintagma nominal sujeito integrar o nome elíptico “símbolo”, a frase (77b) tem um sujeito composto. Neste segundo caso, a presença do advérbio *conjuntamente* permite forçar a interpretação pretendida, ou seja, aquela em que *a foice e o martelo* reunidos, e não cada um por si, representam a aliança entre os camponeses e os operários.

- (77) a. *A foice e o martelo representa a aliança entre os camponeses e os operários.*  
 (i. e.: ‘[O símbolo] a foice e o martelo representa a aliança entre os camponeses e os operários’)  
 b. *A foice e o martelo representam, conjuntamente, a aliança entre os camponeses e os operários.*

## Referências

COLAÇO, Madalena (1999). Concordância parcial em estruturas coordenadas em Português Europeu. In: LOPES, Ana Cristina Macário; MARTINS, Cristina (Ed.). *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. 2. Braga: Associação Portuguesa de Linguística. p. 349-367.

COLAÇO, Madalena (2004). Coordenação comitativa em Português Europeu. In: FREITAS, Tiago; MENDES, Amélia. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. p. 383-396.

BECHARA, Evanildo (1999). *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna.



MATOS, Gabriela (2003). Estruturas de coordenação. In: MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho. p. 549-592.

MARTÍNEZ, José Antonio (1999). La concordancia. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa. p. 2695-2786.

RENZI, Lorenzo; SALVI, Giampolo; CARDINALETTI, Anna (Ed.). (2001). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: il Mulino.

SUÑER GRATACÓS, Avel.lina (1999). La aposición y otras relaciones de predicación en el sintagma nominal”. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa. p. 523-564.

